

## A RELAÇÃO ENTRE O PROFESSOR DO AEE E O PROFESSOR DA SALA DE AULA COMUM NO DESENVOLVIMENTO DOS ALUNOS DE UMA ESCOLA MUNICIPAL DE FORTALEZA – CE, SOB A PERSPECTIVA INCLUSIVA

Vítor Araújo e Silva<sup>1</sup>  
Paulo Roberto da Silva Moreira<sup>2</sup>  
Liza Mara Furtado Silva<sup>3</sup>  
Mariana Brígida Duarte de Souza<sup>4</sup>

### INTRODUÇÃO

O presente trabalho apresenta uma investigação feita em uma escola municipal do município de Fortaleza – CE, na qual entrevistamos uma professora do Atendimento Educacional Especializado (AEE) com o fim de promover uma aproximação com a realidade e com os desafios dessa profissão. Duas visitas foram feitas à instituição, nas quais pudemos adentrar e conhecer a Sala de Recursos Multifuncionais (SRM) da escola e, com a autorização da professora, assistir a um dos atendimentos marcados para aquele dia.

Dentre os inúmeros aspectos que poderiam ser analisados nessas visitas, resolvemos nos aprofundar na relação entre o professor do AEE e o professor da sala de aula comum no desenvolvimento dos alunos. Assim, a escolha do objeto de estudo desse trabalho justifica-se pela busca de um melhor entendimento dessa relação e de como os profissionais envolvidos se articulam para promover o melhor para as crianças que precisam do Atendimento Educacional Especializado.

A análise desse objeto ajudará a responder às seguintes questões: Há dificuldades para promover uma interação entre o professor de sala de aula comum e a professora do AEE? Em que aspectos os dois professores podem atuar juntos no desenvolvimento do aluno público-alvo da Educação Especial (PAEE)? Para respondermos a essas questões, estabelecemos como objetivo principal da investigação: compreender os níveis da relação dos dois tipos de professores a partir da ótica do professor do AEE, em prol do desenvolvimento do aluno PAEE.

Para atingirmos o objetivo proposto acima, tomamos como principal referencial teórico a professora Fabrícia Gomes da Silva (2011), que, através de sua pesquisa sobre o processo de inclusão de alunos com deficiência intelectual, envolvendo os trabalhos do professor da SRM e do professor da sala regular, em uma escola do município de Juazeiro do Norte – CE, nos forneceu embasamento e um olhar crítico, que ela também usou para investigar seu objeto de pesquisa, que nos permitiu analisar os dados coletados na instituição a qual nós visitamos em Fortaleza – CE, tornando possível identificar os principais obstáculos que impedem uma efetiva articulação dos profissionais que atuam no AEE com os profissionais que trabalham na sala de aula regular em prol da inclusão e pleno desenvolvimento dos alunos PAEE. Buscando averiguar se o que ocorre na prática está de acordo com o que está previsto

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará - UFC, [vtorarafoesilva458@gmail.com](mailto:vtorarafoesilva458@gmail.com)

<sup>2</sup> Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará - UFC, [pr.dsm@hotmail.com](mailto:pr.dsm@hotmail.com)

<sup>3</sup> Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará - UFC, [lyzamara@gmail.com](mailto:lyzamara@gmail.com)

<sup>4</sup> Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará - UFC, [marianabrigidaduarte@gmail.com](mailto:marianabrigidaduarte@gmail.com)

na legislação, também utilizamos como embasamento o que está na legislação, tomando como referência a Resolução N° 456/2016 do Conselho Estadual de Educação do Ceará, que

Fixa normas para a Educação Especial e para o Atendimento Educacional Especializado (AEE) dos alunos com deficiência, Transtornos Globais do Desenvolvimento (TGD), Altas Habilidades/Superdotação, no âmbito do Sistema de Ensino do Estado do Ceará. (BRASIL, 2016, p.1)

Nessa Resolução, nos atentamos, principalmente, às competências dos profissionais que atuam no AEE, buscando entender melhor a articulação destes com o docente que trabalha na sala regular.

Quanto ao tipo de pesquisa e os instrumentos pelos quais buscamos os dados (entrevista e observações), nos aprofundaremos a seguir.

## **METODOLOGIA**

Para a contemplação do estudo utilizamos uma abordagem qualitativa, pois colocamos como foco o caráter subjetivo do objeto analisado (a compreensão da relação do professor do AEE com o da sala comum), já que buscamos, por meio dos instrumentos de coleta de dados utilizados, entender aspectos de forma exploratória e pela expectativa de indivíduos. O fato de o objeto em questão ser da área da educação também foi determinante para a escolha da abordagem qualitativa, já que esta proporciona um melhor entendimento de assuntos relacionados à área, como confirmam André e Gatti:

O uso dos métodos qualitativos trouxe grande e variada contribuição ao avanço do conhecimento em educação, permitindo melhor compreender processos escolares, de aprendizagem, de relações, processos institucionais e culturais, de socialização e sociabilidade, o cotidiano escolar em suas múltiplas implicações, as formas de mudança e resiliência presentes nas ações educativas. (ANDRÉ E GATTI, 2008, p.9)

A investigação se deu de forma segmentada em dois encontros. No primeiro, pudemos assistir, com a autorização da professora do AEE, um dos atendimentos marcados para aquele dia na sala de recursos multifuncionais, na qual duas crianças foram atendidas, num tempo aproximado de 50 minutos. Durante esse período, pudemos ver as atividades pedagógicas que a profissional desenvolveu para aqueles alunos específicos e a maneira como conduziu seu trabalho. Dessa forma, um dos instrumentos de coleta de dados que usamos foi a observação, justamente por esta ser uma boa ferramenta de captação de informações, como ressalta Minayo:

A técnica de observação participante se realiza através do contato direto do pesquisador com o fenômeno observado para obter informações sobre a realidade dos atores sociais em seus próprios contextos. [...] A importância dessa técnica reside no fato de podermos captar uma variedade de situações ou fenômenos que não são obtidos por meio de perguntas, uma vez que, observados diretamente na própria realidade, transmitem o que há de mais imponderável e evasivo na vida real. (MINAYO, 2002, p. 59-60)

Ainda nesse primeiro momento, iniciamos, também, a primeira parte de uma entrevista previamente estruturada com a professora do AEE, a qual permitiu que gravássemos, em forma de áudio, suas respostas para serem transcritas e analisadas mais detalhadamente depois. A entrevista se mostrou, para nós, como a principal fonte de informações dentre as

utilizadas, já que a maior parte dos resultados da pesquisa foi oriunda dela. Ainda segundo Minayo:

A entrevista é o procedimento mais usual no trabalho de campo. Através dela, o pesquisador busca obter informes contidos na fala dos atores sociais. Ela não significa uma conversa despreziosa e neutra, uma vez que se insere como meio de coleta dos fatos relatados pelos atores, enquanto sujeitos-objeto da pesquisa que vivenciam uma determinada realidade que está sendo focalizada. Suas formas de realização podem ser de natureza individual e/ou coletiva. (MINAYO, 2002, p.57)

Na segunda visita à escola continuamos e concluímos a entrevista, durante a qual a professora também disponibilizou relatórios, estudos de caso, fichas dos alunos e cronogramas, permitindo que fizéssemos uma análise documental desses materiais. Tais documentos foram de suma importância para a obtenção de mais informações para pesquisa. De acordo com Flores:

Os documentos são fontes de dados brutos para o investigador e a sua análise implica um conjunto de transformações, operações e verificações realizadas a partir dos mesmos com a finalidade de se lhes ser atribuído um significado relevante em relação a um problema de investigação. (FLORES apud CALADO; FERREIRA, 2004, p. 3)

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados da visita apontaram que a professora da sala de recursos multifuncionais é totalmente a favor que haja uma parceria entre o profissional do AEE e o professor da sala de aula comum para que ambos trabalhem juntos no desenvolvimento do aluno, concordando com Silva:

Ao conhecer as práticas da sala regular a professora do AEE passa a ter maior conhecimento sobre as crianças com que trabalha, da mesma forma que as professoras do ensino comum se apropriam de mais elementos sobre as crianças na medida em que acompanham o desenvolvimento no AEE. (SILVA, 2001, p. 137)

Contudo, ela afirma que nem sempre é fácil colocar na prática o que está no Art. 18 da Resolução nº 456/2016:

Art. 18. São atribuições do professor do AEE: [...] VIII – articular com os professores da sala de aula regular, visando à disponibilização dos serviços, dos recursos pedagógicos e de acessibilidade e das estratégias que promovam a participação dos alunos nas atividades escolares; (BRASIL, 2016, p. 6)

Durante a entrevista realizada, a professora relatou que um dos principais obstáculos para estabelecer e organizar essa parceria na escola em que trabalha é o choque de horários e de cronogramas dela com o dos outros professores. Ainda assim, ela afirma que, sempre que possível, procura sim os docentes da sala regular para lhes mostrar o estudo de caso dos alunos feito por ela, para que o professor saiba das dificuldades e limitações de cada aluno PAEE. Ela também diz que procura orientá-los quanto às melhores formas de trabalhar pedagogicamente com essas crianças, seguindo o que diz no inciso VI do Art. 18 da Resolução nº 456/2016: “Art. 18. São atribuições do professor do AEE: [...] VI – orientar professores e famílias sobre os recursos pedagógicos e de acessibilidade utilizados pelo aluno;” (BRASIL, 2016, p. 6). Contudo, ela ressalta que, embora proponha metodologias que se adequem às limitações de cada aluno, cabe ao professor da sala regular seguir ou não seus conselhos.

Outro ponto importante é que a professora não atende somente os alunos da escola na qual trabalha atualmente, recebendo, também, discentes de outras instituições escolares localizadas na circunvizinhança que necessitam dos serviços do AEE, mas que não dispõem de uma sala de recursos. A entrevistada diz que, sempre que possível, tenta visitar as escolas as quais as crianças são matriculadas para conversar com seus professores, a fim de promover, como faz na escola em que trabalha, uma interação com eles e verificar como está o aprendizado dos alunos PAEE que atende.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após o percurso de visita ao lócus da investigação e de feita a análise dos dados coletados, podemos tecer algumas considerações sobre o objetivo proposto no início deste estudo. Ficou evidente, tanto na fala da docente, como no que ela não disse diretamente, que há alguns obstáculos que tornam difícil estabelecer uma maior interação entre o professor de sala de aula comum e a professora do AEE. De acordo com o que o que foi falado pela entrevistada, os horários conflitantes das duas funções docentes e as agendas cheias de ambas são os principais fatores que dificultam a construção dessa relação. Algo que nos chamou a atenção durante a entrevista foi um dos relatos da professora do AEE, na qual ela diz que há uma certa resistência nos professores das salas regulares em colocarem na prática recomendações, feitas por ela, sobre como agir pedagogicamente com os alunos PAEE respeitando as limitações de cada um. Sobre isso, a professora afirma que “não é porque eles não queiram. É porque eles não compreendem.”

Outra questão que também foi apontada pela entrevistada é a falta de uma maior sensibilização dos professores em geral sobre a importância do trabalho que ela exerce na SRM, mesmo com eventos planejados por ela mesma no decorrer do ano para promover essa conscientização, e mesmo com a abertura que tem com a Coordenação e Direção da escola para executar esse tipo de atividade. Sobre isso, pudemos perceber que, na verdade, falta sensibilização do corpo gestor da escola, também, em não gerar um ambiente que favoreça mais isso.

Todas essas questões apontadas pela entrevistada, que dificultam sua interação com os professores de salas regulares, poderiam ser resolvidas ou, ao menos, amenizadas, se a visão sistêmica desse corpo gestor fosse melhorada. Será que um planejamento mais eficiente, com melhores redimensionamentos de atividades e horários no decorrer do ano entre o corpo docente da escola e a gestão, além do correto reforço das importâncias e devidas competências de cada profissional dentro da escola, não geraria uma maior eficácia na utilização do tempo por todos? E, como consequência disso, não haveria maior aproveitamento da ação da professora do AEE e do professor de sala, evitando sobrecarga? Algo que também ficou evidente, pela análise dos dados, é a questão do excesso de alunos atendidos na SRM e os deslocamentos feitos professora de AEE para as outras escolas da circunvizinhança, que acabam influenciando negativamente no uso do tempo. Apesar do alto grau de organização apresentada pela nossa pesquisada, que se mostrou muito cuidadosa e com registros bem estruturados de todos os percursos de cada aluno, percebemos que, por maiores que sejam as limitações no exercício da função, menos organização do que foi percebido da professora analisada, não é aconselhável.

Portanto, deve ficar claro para todos que o centro do processo educacional é a criança/aluno e que parte desse esforço está na sensibilização e na formação de todos que fazem parte do processo. É essa visão sistêmica e de integração que precisa ser internalizada, principalmente pelo corpo docente, para que o trabalho combinado influa positivamente no desenvolvimento do aluno PAEE, sempre garantindo a inclusão de maneira coletiva, colaborativa e dialógica entre os membros da escola e destes com a comunidade em geral.

**Palavras-Chave:** Professor, AEE, Inclusão.

## REFERÊNCIAS:

- ANDRÉ, Marli; GATTI, Bernardete A. **Métodos Qualitativos de Pesquisa em Educação no Brasil:** Origens e Evolução. 2008. Disponível em: <file:///C:/Users/USER/Downloads/M%C3%B3dulo%20VII%20Pesquisa%20Qualitativa%20parte%20II%20(1).pdf>. Acesso em: 12 jun. 2019.
- BRASIL. Conselho Estadual de Educação. **Resolução N° 456/2016**, de 01 de junho de 2016. Fortaleza, CE, 01 jun. 2016. p. 1-13. Disponível em: <https://www.cee.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/49/2016/08/resoluo-n-0456.2016.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2019.
- CALADO, S. dos S; FERREIRA, S.C dos R. **Análise de Documentos:** método de recolha e análise de dados. 2004. Disponível em: <<http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/ichagas/mi1/analisedocumentos.pdf>> Acesso em: 12 jun. 2019.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social:** Teoria, Método e Criatividade. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. 80 p.
- SILVA, Fabrícia Gomes da. **Inclusão escolar de alunos com deficiência intelectual:** o atendimento intelectual especializado (AEE) em discussão. 2011. 166f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Educação) – Universidade Estadual do Ceará, Centro de Educação. Fortaleza, 2011.